

# O BORDADO COMO REEXISTÊNCIA: AUTORIA E MEMÓRIA EM NARRATIVAS TÊXTEIS DE MULHERES NO CONTEXTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## EMBROIDERY AS A GESTURE OF RE-EXISTENCE: AUTHORSHIP AND MEMORY IN WOMEN'S TEXTILE NARRATIVES WITHIN THE CONTEXT OF UNIVERSITY EXTENSION

Submissão:  
11/12/2025  
Aceite:  
16/04/2026

Joice Tesseroli Fadel<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0009-0001-0499-0262>

### Resumo

Este artigo apresenta os resultados de dois projetos de extensão distintos realizados no Curso de Tecnologia em Produção Cultural da UEPG/NUTEAD, em parceria com a *Cáritas Socialis*, em Guarapuava/PR. O primeiro, vinculado à Atividade Cultura Viva: presença na comunidade, introduziu o bordado livre como prática de experimentação sensível, com foco na expressão individual. O segundo, desenvolvido na Atividade *Fazendo a diferença na comunidade*, foi estruturado a partir da análise dos resultados iniciais e do interesse institucional em aprofundar a ação, reunindo novas participantes e algumas mulheres do grupo anterior para produzir peças têxteis com potencial expositivo. O objetivo foi analisar o bordado autoral como prática de expressão, memória e reexistência entre mulheres. A abordagem qualitativa integrou observação participante, rodas de conversa e registros fotográficos. Os resultados evidenciam fortalecimento de vínculos, ampliação da autonomia criativa e promoção de pertencimento, culminando em mostras públicas e na seleção de obras para o projeto *Sou Guarapuava*.

**Palavras- chave:** Mulheres; Bordado; Extensão Universitária; Autoria feminina; Arte.

<sup>1</sup> Graduada em Tecnologia em Produção Cultural pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG [joicetesserolifadel@gmail.com](mailto:joicetesserolifadel@gmail.com)

## Abstract

This article presents the results of two distinct extension projects carried out in the Cultural Production Technology Program at UEPG/NUTEAD, in partnership with *Cáritas Socialis*, in Guarapuava, Brazil. The first project, linked to the extension activity Living Culture: Presence in the Community, introduced free embroidery as a sensitive exploratory practice focused on individual expression. The second project, conducted through the extension activity Making a Difference in the Community, was designed based on the analysis of initial results and the institution's interest in further developing this action. It brought together new participants and some women from the previous group to produce textile pieces with exhibition potential. The objective was to analyze authorial embroidery as a practice of expression, memory, and re-existence among women. The qualitative approach integrated participant observation, conversation circles, and photographic records. The results demonstrate strengthened bonds, increased creative autonomy, and enhanced sense of belonging, culminating in public exhibitions and the selection of works for the *Sou Guarapuava* project.

**Keywords:** Women; Embroidery; University Extension; Female Authorship; Art.

## Introdução

O bordado, prática historicamente associada ao universo doméstico e ao fazer feminino, carrega uma complexa trama de sentidos que entrelaça cultura, memória, subjetividade e resistência. Por muito tempo, esse saber manual foi invisibilizado pelas narrativas hegemônicas da arte e do conhecimento. Souza (2018) aponta que, “frequentemente vistas como amadoras pelos críticos e consumidores de arte que as enxergavam à maneira de seu tempo, através do senso comum, as mulheres bordadeiras viveram afastadas do protagonismo artístico”, condição que ainda persiste.

Entretanto, quando vivido em espaços coletivos, como oficinas, o bordado se transforma em experiência estética e política mediada por escuta, acolhimento e criação compartilhada. Ao converter o tecido em suporte de narrativas, essa prática desafia o silêncio imposto às vozes femininas e promove autoria, protagonismo e empoderamento.

Este entendimento fundamentou as ações de extensão desenvolvidas ao longo de 2025, no terceiro e quarto semestres do Curso de Tecnologia em Produção Cultural da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/NUTEAD), cuja proposta pedagógica articula a relação “teoria–prática–teoria” por meio de projetos realizados junto às comunidades, aproximando os discentes de espaços formais e não formais de cultura e educação.

No 3º semestre, a ação integrou a Atividade de Extensão em Produção Cultural, Cultura Viva: presença na comunidade com o “Projeto oficina de bordado livre com mulheres – Projeto *Cáritas Socialis*, Guarapuava/PR”, vinculado ao componente Projeto Articulador I em Gestão Cultural, cujo foco é a inserção dos estudantes em práticas culturais territorializadas com prática de bordado livre em filtros de café reutilizados.

No 4º semestre, uma nova ação extensionista foi desenvolvida por meio da Atividade de Exten-

ção “*Fazendo a diferença na comunidade*”. Embora se apoiasse em aprendizagens e resultados observados no projeto Cultura Viva: presença na comunidade, tratou-se mais de uma nova etapa formativa, com objetivos ampliados e composição de grupo distinta. Nesta segunda proposta, a oficina passou a ser denominada “Oficina de Bordado Livre com Mulheres: para Além do Fazer – Projeto *Cáritas Socialis*”, produzindo peças têxteis com potencial positivo e o aprofundamento das práticas culturais.

Nesse percurso formativo e extensionista, o bordado foi adotado como instrumento de expressão cultural capaz de integrar arte, memória e território, promovendo empoderamento, autoria e pertencimento. Ao mesmo tempo, contribuiu para a valorização da diversidade das expressões culturais do município, reafirmando a importância de práticas descentralizadas e de reconhecimento dos saberes comunitários.

A ação teve início a partir da escuta realizada durante a visita e roda de conversa com mulheres atendidas pela *Cáritas Socialis* à exposição do projeto *Clã das Cicatrizes*, em 2024. Nessa ocasião, o bordado aplicado sobre fotografias abordava, por meio da arte, questões relacionadas à saúde da mulher, como o câncer de mama, utilizando o bordado como meio de expressão, voz e manifesto, ressignificando histórias pessoais. Essa aproximação despertou o desejo coletivo de aprender a bordar não apenas como técnica, mas como possibilidade de narrar suas próprias vivências e fortalecer vínculos. Dessa aproximação surgiu o primeiro projeto de oficina, desenvolvido como ação extensionista no 3º semestre de 2025. A avaliação dessa primeira experiência e o interesse da instituição parceira motivaram a criação de um segundo projeto, implementado no semestre seguinte.

A prática do bordado nesse contexto em ambos os projetos foi articulada a rodas de conversa, dinâmicas inspiradas nos Círculos de Construção de Paz, partilhas sobre identidade, coletividade e reflexões sobre o papel da mulher no fazer artístico. O trabalho desenvolveu-se de forma transversal, compreendendo que a cultura se constrói nas relações sociais e valorizando o bordado enquanto herança simbólica intergeracional, um saber historicamente transmitido, cuidado e, muitas vezes, invisibilizado.

Nessas práticas, ao bordarem suas próprias histórias, as mulheres exercem não apenas a expressão individual, mas também a criação de uma memória coletiva, produzindo um lugar simbólico de reconhecimento e de fortalecimento das trajetórias femininas. O extensionista de produção cultural, nesse contexto, atua como articulador de demandas, intérprete de necessidades territoriais e criador de condições para que a arte e cultura se desenvolvam de forma plural, promovendo processos de escuta, circulação de saberes e construção de pertencimento.

Como resultado parcial do processo, no Projeto “*Fazendo a diferença na comunidade*” foram realizadas duas mostras dos trabalhos produzidos nas oficinas: uma na Faculdade Campo Real, durante a Semana da Cultura, evento integrante das comemorações dos 25 anos da Instituição e outra na *Cáritas Socialis*, durante um evento para um público externo, realizada ao lado da feira promovida pelas mulheres atendidas pela instituição. Ambas as exposições representaram marcos simbólicos para as participantes, pois levaram suas produções, antes restritas ao ambiente comunitário, para espaços de ampla circulação acadêmica, cultural e social. Esse movimento ampliou a visibilidade das obras e reforçou o reconhecimento das mulheres como produtoras de cultura, autoras de suas narrativas e agentes ativas no campo artístico.

Diante desse percurso, compreende-se que o bordado, enquanto prática cultural, expressão identitária e saber tradicional, integra o campo do patrimônio imaterial e da cultura popular, mantido vivo pela transmissão de gestos, narrativas e modos de fazer. Inserir tais práticas na extensão universitária reafirma a importância de ações descentralizadas, do reconhecimento dos saberes comunitários

e da promoção de experiências que valorizem territórios e sujeitos historicamente excluídos. A oficina de bordado, assim, não se limita ao ensino de uma técnica: afirma a cultura como prática viva, coletiva e transformadora.

## Metodologia

Guarapuava-PR é um município com 206 anos e cerca de 182 mil habitantes, atualmente em processo de fortalecimento de políticas culturais estruturadas. A criação da Secretaria Municipal de Cultura, em 2022, somada ao fomento proporcionado por editais como a Lei Paulo Gustavo e a Lei Aldir Blanc, impulsionou a valorização de artistas, coletivos e práticas culturais no território. Esse cenário evidencia a necessidade de ações que ampliem o acesso à cultura, fortaleçam a participação social e contribuam para a redução das desigualdades territoriais.

O Curso de Tecnologia em Produção Cultural da UEPG/NUTEAD desenvolve projetos de extensão que aproximam os discentes de espaços formais e não formais de cultura e educação, possibilitando a vivência prática da mediação cultural como instrumento de transformação social. Nesse contexto, o produtor cultural, atua como articulador de demandas, mediador entre diferentes agentes e promotor de processos participativos, contribuindo para reconhecer, valorizar e potencializar a diversidade cultural existente no município.

As ações analisadas neste artigo foram desenvolvidas em dois projetos de extensão distintos, realizados em semestres consecutivos, ambos em parceria com a *Cáritas Socialis*. Embora dialoguem entre si se trata de iniciativas independentes que compartilham fundamentos pedagógicos e objetivos formativos no campo da Produção Cultural.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, de caráter participante e reflexivo, construída a partir da convivência, da escuta ativa e da observação das mulheres atendidas pela *Cáritas Socialis*, em Guarapuava-PR. O percurso metodológico envolveu rodas de conversa, registro fotográfico dos processos, análise das peças bordadas e acompanhamento das narrativas construídas durante os encontros, buscando compreender como o fazer manual se transforma em linguagem autoral, expressão coletiva e prática de reexistência.

A escolha pela metodologia qualitativa se justifica pelo interesse em compreender os significados simbólicos, afetivos e subjetivos do bordado como linguagem estética e prática cultural, especialmente no contexto da arte contemporânea e das produções femininas. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.188), os estudos exploratórios têm por finalidade a formulação de questões e o desenvolvimento de hipóteses, permitindo maior familiaridade do pesquisador com o fenômeno investigado, além da clarificação de conceitos e aprofundamento em contextos pouco estudados. Essa característica é essencial nesta pesquisa, que busca compreender os modos como o bordado se articula à memória, ao corpo e à subjetividade feminina.

A definição da ação no primeiro projeto partiu de um movimento de escuta ativa realizado durante a visita de cerca de 50 mulheres da *Cáritas Socialis* à exposição *Clã das Cicatrizes*, em outubro de 2024, no CEU das Artes. O encontro proporcionou um diálogo sobre o bordado como ferramenta de expressão e ressignificação de histórias. Muitas participantes manifestaram interesse em aprender a técnica, reconhecendo no bordado uma possibilidade de ressignificar histórias pessoais. A partir dessa demanda, estruturou-se a oficina de bordado livre como ação cultural de base comunitária, incorporada como projeto de extensão.

Todos os materiais utilizados em ambos os projetos como linhas, agulhas, bastidores, filtros de café e tecidos de algodão, foram disponibilizados pela instituição de ensino, garantindo condições de participação igualitária entre as mulheres. A oferta gratuita dos materiais favoreceu o acesso e a permanência no projeto, reafirmando o compromisso com a extensão universitária na democratização das práticas culturais.

Os encontros foram planejados semanalmente, com dinâmicas de abertura inspiradas nos Círculos de Construção de Paz, rodas de conversa e práticas de bordado que respeitavam os ritmos individuais. No Projeto Cultura Viva, o uso inicial de filtros de café reutilizados como suporte permitiu experimentação acessível e simbólica. Já no Projeto *Fazendo a diferença na comunidade*, as participantes trabalharam prioritariamente com bordado em tecido, visando a criação de peças com potencial expositivo. Em ambos os casos, a metodologia adotada evidencia o caráter formativo, cultural e social do bordado, integrando experiências sensíveis, processos de criação coletiva e fortalecimento das identidades femininas.

## Resultados e Discussões

Partindo do entendimento da importância de iniciativas e ações culturais descentralizadas que valorizem o território, considerando a desigualdade territorial e as necessidades específicas das comunidades, destaca-se a parceria essencial com a *Cáritas Socialis*, uma entidade de assistência social, com personalidade jurídica de direito privado, localizada no bairro Bonsucesso, em Guarapuava/PR, cuja missão é promover o desenvolvimento integral de pessoas em situação de vulnerabilidade, fortalecendo laços familiares, incentivando a autossustentabilidade e promovendo a inclusão social. A instituição realiza atendimento continuado por meio do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

A descentralização se materializa na escolha dos territórios, na valorização das identidades locais e na criação de experiências culturais que dialogam com a realidade social das participantes, respeitando suas trajetórias, necessidades e modos próprios de “existir”.

No projeto Cultura Viva, a participação das mulheres resultou principalmente da mobilização direta realizada pela instituição e pelo convite feito durante a exposição, o que possibilitou a formação inicial do grupo. Esse grupo foi composto exclusivamente por mulheres que demonstraram interesse imediato na prática do bordado livre e na experimentação estética proposta.

Para o Projeto “*Fazendo a diferença na comunidade*”, a mobilização ocorreu de forma distinta: algumas mulheres retornaram motivadas pelos resultados do Projeto Cultura Viva: presença na comunidade, manifestando desejo de aprofundar suas práticas, enquanto novas participantes foram indicadas pela instituição. Dessa forma, cada projeto constituiu um grupo independente, com dinâmicas e composições próprias, ainda que alguns vínculos afetivos e de convivência tenham se mantido entre um semestre e outro.

A metodologia das rodas de conversa, inspirada nos Círculos de Construção de Paz, utilizou objetos simbólicos e dinâmicas de partilha que abordavam temas como autoria, processo artístico, identidade, coletividade e reexistência. A disposição em círculo possibilitou um trabalho horizontal, no qual todas tinham direito à fala, à escuta ativa e ao compartilhamento de questões do cotidiano. Assim, constituiu-se um espaço seguro de expressão, favorecendo a construção da identidade e do pertencimento comunitário, embora aplicado em dois contextos metodológicos distintos devido às especificidades de cada grupo. Essa prática dialoga diretamente com os ensinamentos de Paulo Freire

(1987), ao afirmar que os “homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, reforçando que o aprendizado se dá na relação dialógica e não na verticalidade.

Nesse sentido, mesmo que uma ação cultural tenha objetivos previamente definidos, sua construção cotidiana se dá nas relações, nas trocas e nos sentidos produzidos coletivamente. O processo de bordar não se limita ao aprendizado e aperfeiçoamento técnico, ele ganha significado quando nasce das experiências individuais e coletivas, valorizando os saberes das participantes e reconhecendo as relações sociais já existentes. Assim, as oficinas não apenas ensinam um fazer manual, mas criam um território simbólico onde cada mulher pode expressar-se, elaborar sua história e fortalecer vínculos.

**Figura 1** - Círculo com as mulheres antes do início da aula de bordado. *Cáritas Socialis* – Guarapuava/PR.



Fonte: Acervo da Autora.

O percurso formativo foi organizado em etapas, respeitando o ritmo, as experiências e as singularidades de cada mulher. Inicialmente, no primeiro projeto, desenvolvido na Atividade de Extensão Cultura Viva: presença na comunidade com o “Projeto oficina de bordado livre com mulheres – *Cáritas Socialis*, Guarapuava/PR”, o bordado foi introduzido em filtros de café reutilizados, material acessível, sustentável e carregado de forte simbolismo, a partir do qual cada participante escolheu uma imagem significativa para bordar. Essa primeira experiência gerou uma conexão imediata entre elas, pois os símbolos escolhidos não apenas representavam vivências pessoais, mas também instauraram um espaço de partilha e reconhecimento coletivo.

No primeiro encontro, foi apresentado um bordado autoral que ilustrava como é possível transformar vivências, leituras e narrativas em imagens bordadas. A peça dialogava com um conto do livro *Ciranda das Mulheres Sábias*, de Clarissa Pinkola Estés, demonstrando como um texto literário pode ser traduzido visualmente e como questões individuais e relações sociais podem ganhar expressão por meio da arte. Esse gesto inicial inspirou o grupo a reconhecer no bordado uma possibilidade de narrativas.

Os primeiros filtros bordados foram criados a partir de um momento significativo para cada participante, que escolheu a forma mais adequada de expressar-se, seja por palavras, desenhos, símbolos ou imagens. Na etapa seguinte, durante uma roda de conversa sobre ancestralidade, dons e talentos,

surgiu, espontaneamente, o tema da rosa, que se tornou inspiração para que cada mulher criasse seu próprio jardim. Assim, o aprendizado dos pontos básicos do bordado esteve diretamente conectado às suas preferências, escolhas e histórias. Esse fazer coletivo e, ao mesmo tempo, individual evidenciou a força da expressão e a diversidade presente no grupo.

A escolha do filtro de café como suporte também cumpriu um papel pedagógico importante; por ser um papel mais resistente, aproxima-se da prática do bordado em fotografia, técnica que despertou o interesse de algumas participantes. Dessa forma, o processo não apenas introduziu fundamentos do bordado livre, mas ampliou possibilidades criativas, conectando o fazer manual a novas estéticas.

**Figura 2** - Primeira etapa bordado em filtro de café reutilizado.



*Fonte: Acervo da Autora.*

Desde o início, em ambos os projetos de extensão, trabalhou-se o ser artista e o processo criativo. A oficina de bordado desenvolveu-se como um espaço de escuta e criação, no qual as participantes tiveram liberdade para criar, comunicar e se expressar por meio da arte. Ao bordarem suas imagens, histórias e símbolos pessoais, ativaram um fazer poético que também é político. Como afirma Lopes:

A arte é nossa linha de fuga, a arte é o meio que nós mulheres bordadeiras encontramos para atravessar a vida, a história. A arte é o que garante a sanidade no dia a dia marcado por opressões e violências simbólicas. A arte é o que nossas mães e avós nos ensinaram. A arte nada mais é do que uma maneira de escrever novas narrativas (Lopes, 2019, p. 50).

A proposta do bordado autoral com as mulheres encontra respaldo também na visão de que imagens podem acessar camadas subjetivas que a palavra não alcança. “As imagens podem surgir intraduzíveis, em contextos e memórias não acessadas pela palavra. As imagens e textos podem também intercambiar, se auxiliando no movimento adentro das camadas do consciente e inconsciente da memória” (Lopes, 2019, p. 33).

Assim, o bordado tornou-se não apenas um meio de expressão, mas um dispositivo de escuta e resgate do sensível. Como lembra Camaron, “A linguagem da arte é imagem, símbolo. É uma linguagem sem palavras mesmo quando nossa arte consiste em buscá-la com palavras. A linguagem do artista é sensual, uma linguagem de experiência sentida” (Camaron, 2017, p. 49).

Na mesma direção, Nise da Silveira ressalta que o artista não domina o ímpeto criativo, ele obedece ao movimento interno que se manifesta por meio da arte. “O artista não domina o ímpeto da inspiração que dele se apodera. Obedece e executa, sentindo que sua obra é maior que ele e, por esse motivo, possui uma força que lhe é impossível comandar” (Silveira, 2023, p. 176-177).

Esse campo sensível do bordado também se articula à dimensão da imagem como acesso às camadas do inconsciente. Lopes cita o historiador da arte Aby Warburg para reforçar essa ideia:

No âmbito da história cultural da arte, destaca-se um nome: Aby Warburg. Entre outros pensadores, Warburg propõe o resgate da imagem como meio de acesso ao passado de relevância semelhante à escrita. Enquanto associa a escrita à ‘condição imediata’, no caso das imagens, as camadas de afetividade e inconsciente se manifestam com intensidade que não se via nos textos (Lopes, 2019, p. 33).

Bordar torna-se, assim, uma forma de “manipular o tempo”, como propõe Lopes, e de resistir à lógica da velocidade, da produtividade e do apagamento. É nesse sentido que a arte, especialmente em práticas coletivas como as oficinas de bordado, promove não só pertencimento, mas reexistência.

As atividades do Projeto de Extensão *Fazendo a diferença na comunidade*, foram realizadas a partir do interesse da instituição e de algumas mulheres que acompanharam a primeira experiência, assumindo um novo caráter formativo, denominado “Oficina de Bordado Livre com Mulheres: Para Além do Fazer – Projeto *Cáritas Socialis*”. Com um novo grupo, composto por participantes do primeiro projeto e novas integrantes, iniciou-se, de forma gradual, o processo de aprendizagem do bordado em tecido de algodão, utilizando bastidor. Esse momento marcou uma ampliação importante das possibilidades expressivas. Algumas mulheres enfrentaram dúvidas quanto à escolha do que bordar, influenciadas, por vezes, pelas sugestões e preferências do próprio grupo, como no caso recorrente do girassol, que, ainda que com o mesmo desenho, foi bordado de forma singular; outras, por sua vez, demonstraram desejo imediato de registrar, no tecido, fragmentos de suas histórias pessoais.

Assim, surgiram bordados que remetiam à infância, à feminilidade, à fé, à relação com a natureza com familiares e amigos, entre outros temas que emergiram espontaneamente nos círculos de conversa. A transição para o tecido de algodão permitiu que cada participante construísse composições mais sólidas e duradouras, ampliando a dimensão estética e simbólica do processo. Todas concluíram ao menos uma peça em tecido, cujos acabamentos foram realizados pela extensionista ou

por costureiras parceiras, sempre buscando equilibrar a qualidade estética, a viabilidade econômica e a possibilidade de mostra pública.

As peças bordadas em tecido adicionaram novos sentidos ao percurso criativo. Ao longo dos encontros, produziu-se um conjunto superior a trinta bordados, cada um revelando camadas de significado construídas no diálogo entre técnica, subjetividade e convivência. Nesse processo, temas trabalhados nos círculos entrelaçaram-se às vivências individuais, atravessando as produções e fortalecendo o sentido coletivo da oficina.

Ao bordarem juntas, as participantes compartilharam alegrias, crescimento, dúvidas, frustrações, descobertas e conquistas. O aprendizado técnico tornou-se inseparável da experiência afetiva, de modo que bordar era, simultaneamente, aprender, criar, recordar, se reconhecer e se fortalecer.

**Figura 3** - Círculo de conversa sobre as produções. A boneca na mão como objeto da palavra.



*Fonte: Acervo da Autora.*

A relação entre mulheres, fios e a produção de riquezas simbólicas e materiais é longa, profunda e historicamente construída. Como ressalta Ana Maria Machado (2003), a tecelagem e a fiação femininas não apenas foram centrais na economia doméstica e nos primeiros mercados de troca, mas também carregam um “mito misterioso” que se desdobra em símbolos de poder, confinamento e resistência. No entanto, a autora aponta que, ao mesmo tempo em que o fio prende, ele une. As mulheres, ao tecerem juntas, constroem espaços de sociabilidade, linguagem e autonomia:

Esse processo reforçou também as comunidades femininas, de mulheres que passavam o dia reunidas, tecendo juntas, separadas dos homens, contando histórias, propondo adivinhas, brincando com a linguagem, narrando e explorando as palavras, com poder sobre sua própria produtividade e autonomia de criação. A carga simbólica de tudo isso era poderosa, associando útero e tecelagem, cordão umbilical e fio da vida, trama e coletividade na produção de excedentes econômicos (Machado, 2003, p. 181).

Machado mostra, ainda, que a herança das palavras ligadas ao tecido, como “renda”, “lavar”, “lavor” e “laboratório” revela uma história da produção feminina invisibilizada, mas fundamental para a constituição do que entendemos por trabalho e riqueza. Apesar do valor simbólico e econômico atribuído à produção têxtil feita por mulheres, a presença delas no espaço público e intelectual foi historicamente reprimida. Essa contradição revela uma profunda cisão entre a circulação da matéria têxtil e a circulação da palavra feminina, enquanto os produtos das mãos das mulheres eram valorizados e comercializados, suas vozes eram silenciadas.

Contudo, com o avanço da Revolução Industrial, ainda que as mulheres tenham sofrido com a perda de espaço no tear tradicional, o deslocamento forçado permitiu também novos caminhos de emancipação. Como conclui Machado, “Com a Revolução Industrial, as mulheres se libertaram do tear. Podem ter passado momentos duros, com a desvalorização de sua atividade tradicional [...] Mas trataram de reagir.” (Machado, 2003, p. 186)

Nesse contexto, os dois projetos de extensão analisados reafirmam como o bordado se configura como instrumento simbólico de expressão, resistência e valorização de identidades. O gesto de se encontrar para bordar afirma a presença feminina na história da arte, da memória e da estética. Dessa forma, ao bordar, as mulheres não apenas representam suas experiências, mas transformam o próprio tempo ao escrever e ressignificar o cotidiano e suas histórias por meio de símbolos, imagens e palavras.

Os panos bordados, tradicionalmente utilizados como amostras para experimentar pontos e desenhos, são também registros silenciosos das histórias femininas. Embora frequentemente desvalorizados ou esquecidos, esses tecidos guardam marcas de aprendizado, intimidade e criação cotidiana. São, ao mesmo tempo, arquivos e rascunhos, exercícios e obras, gestos de iniciação e processos de invenção. Representam o tempo da aprendizagem, da repetição e da experimentação: um tempo cíclico, artesanal e feminino.

Como destaca Marize Malta (2015), ao refletir sobre o apagamento histórico, a valoração seletiva e a releitura simbólica, esses panos carregam “inscrições de vida” e têm potencial para “recontar histórias que foram deixadas de lado pelos discursos oficiais da história da arte”. Isso porque a historiografia tradicional privilegiou as chamadas grandes obras, especialmente pintura e escultura, realizadas por autores individuais, quase sempre homens, relegando as práticas femininas, como o bordado, a costura e outros trabalhos têxteis, à esfera do decorativo, do artesanal ou do doméstico.

Segundo Malta (2015), os artefatos têxteis domésticos foram praticamente ignorados pelos livros de história da arte, design e cultura material, por estarem fora dos cânones tradicionais e das

classificações convencionais. Por não se encaixarem facilmente em categorias como “arte erudita”, “artesanato” ou “arte utilitária”, acabaram sendo invisibilizados, guardados em gavetas e armários, inacessíveis aos olhos dos museus e dos pesquisadores. No entanto, esses objetos revelam uma poética própria: são o lugar onde se entrelaçam o sensível e o rigoroso, o banal e o excepcional, como aponta a autora ao afirmar que “são peças em que o encontro entre o emotivo e o racional [...] estão acomodados em igual e justa medida” (Malta, 2015, p. 10).

Ao trazer essas peças para o centro das oficinas e realizar a mostra dos trabalhos criados no segundo projeto em uma instituição de ensino superior, reafirma-se o valor do fazer manual como forma de produção de conhecimento e de reconfiguração simbólica do mundo. Como parte das ações do Projeto de Extensão do quarto semestre, a mostra realizada na Faculdade Campo Real, durante a Semana da Cultura, que permaneceu na instituição todo o mês de outubro, ampliou o alcance dessas histórias, reconhecendo as bordadeiras como autoras de obras que merecem ocupar espaços de circulação artística.

Seus panos e narrativas também pertencem aos centros de arte, aos museus e às programações culturais da cidade, pois contam histórias de mulheres que, embora frequentemente invisibilizadas, tecem o cotidiano e sustentam dimensões simbólicas e afetivas da vida social. Nenhuma peça foi excluída da exposição: desde a primeira criação em tecido, todas foram expostas, valorizando não apenas o resultado final, mas, sobretudo, os processos, as trajetórias e os sentidos envolvidos em cada bordado, muito além da estética, afirmando o direito de existir e de ser reconhecida.

**Figura 4** - Mostra de Bordado Livre na Semana da Cultura da Cultura - Faculdade Campo Real



Fonte: Acervo da Autora

A circulação simbólica e material ganha ainda mais força quando as produções saem do espaço da oficina e passam a compor iniciativas de turismo e identidade local. Uma das participantes da oficina do projeto “Fazendo a diferença na comunidade” teve três peças selecionadas para o projeto “Sou Guarapuava”, iniciativa da Secretaria Municipal de Turismo voltada ao incentivo e à capacitação para a produção de lembranças artesanais com referências culturais do município.

A seleção de suas obras evidencia como o bordado autoral pode articular arte, memória e economia criativa, aproximando o fazer têxtil dos circuitos de valorização do artesanato, do turismo e da cultura local. As peças levam consigo não apenas a habilidade técnica, mas também as histórias desenvolvidas nos círculos de conversa e nos processos criativos do projeto, deslocando o bordado da condição de atividade doméstica para a de linguagem artística e possibilidade concreta de geração de renda.

A imagem registrada refere-se a uma das peças ainda em processo de finalização, destacando o cuidado estético e técnico cultivado ao longo dos encontros.

**Figura 5-** Peças bordadas pela participante selecionadas para fazer parte do Projeto *Sou Guarapuava*.



Fonte: Acervo da Autora

Os relatos das participantes do Projeto de Extensão do quarto semestre, “Oficina de Bordado Livre com Mulheres: Para Além do Fazer – Projeto *Cáritas Socialis*”, ajudam a dimensionar o impacto subjetivo e formativo desse processo. Uma delas aponta:

Na verdade, eu nunca tinha bordado ainda, mas a maneira e o amor que a professora apresentou o bordado para o nosso grupo me encantou e tive a oportunidade de iniciar os primeiros pontos... É algo maravilhoso, cada ponto te tira do momento que você está vivendo e te leva para as lembranças, a infância, as coisas boas da vida... te tira da ansiedade, dos maus pensamentos, da realidade tão dura nos dias atuais. Mas, para chegar no bordado, passamos por momentos oferecidos pela professora através de dinâmicas, poesias, músicas, que puderam nos levar ao passado e tirar do nosso interior todas as coisas que nos faziam mal, e isso fez uma grande diferença. Pudemos então resgatar as lembranças boas do passado... A partir daí fomos à prática e, a cada dia, estou mais encantada com cada ponto, cada imagem que as minhas mãos estão criando. Bordado perfeito??? Ainda não, mas é um trabalho que se vai aperfeiçoando a cada encontro. Pretendo continuar bordando e, quem sabe, criar meu próprio negócio, por que não? (relato de uma participante sobre os encontros)

Outra participante sintetiza: “Bordar é refletir sobre a vida e ver que cada ponto se transforma em algo fantástico e alegre... A exposição foi a primeira em que participei e foi muito legal mostrar a vida em cada ponto.”

Os depoimentos dialogam diretamente com a compreensão do bordado como linguagem estética, política e histórica.

**Figura 6** - Oficina de bordado Caritas Socialis.



Fonte: Acervo da Autora.

Neste sentido, resgatar o valor do bordado e do coletivo entre mulheres é também exaltar saberes e fazeres femininos historicamente desvalorizados. No livro *A Jornada da Heroína*, Murdock (2022, p. 75) aponta que, “como a sociedade rebaixa as qualidades femininas, é improvável que a mulher se valorize como mulher. Ela é vista e se vê como carente e age a partir do mito da inferioridade”. Esse rebaixamento simbólico tem consequências subjetivas profundas: “a mulher não tem valor intrínseco próprio — seu valor está ligado à relação com os homens e as crianças”. Nesse contexto, dar visibilidade às narrativas, aos bordados e às obras é uma forma de romper com o mito da inferioridade e reivindicar o valor autônomo das práticas femininas, ocupando espaços da arte majoritariamente ocupados por homens.

Artistas como Rosana Paulino exemplificam essa reversão de valores ao ressignificar trabalhos manuais e domésticos como forma de expressão artística contemporânea. Como destaca Lopes (2019, p. 16), Paulino integra um grupo de mulheres que, “em grau maior ou menor de consciência, vêm resuscitando e dando um novo olhar ao uso de trabalhos manuais e domésticos”. Essas práticas não são meras repetições de um fazer tradicional, mas “gestos criativos que se tornam estratégias políticas e estéticas, que desafiam o lugar-comum, manipulam o tempo e constroem novas narrativas”.

A reconfiguração do fazer feminino como gesto estético e político também se articula à necessidade de repensar a posição das mulheres na história e na produção simbólica. Como afirmam Paixão e Eggert (2011, p. 16), romper com os processos de exclusão exige “ter consciência e viabilizar processos educativos que mudem a ordem simbólica do cotidiano excludente instituído”. Para as autoras, são ações tanto individuais quanto coletivas que interferem diretamente na vida cotidiana e nas possibilidades de transformação social.

Reconhecer o valor desses panos e seus registros delicados, “linhas sentimentais”, “pespontos de afeto”, é também um gesto de enfrentamento simbólico. Trata-se de aprender a olhar para essas peças, decifrar seus códigos, perceber suas poéticas e incorporá-las ao patrimônio simbólico e cultural do país. Esse movimento não apenas reconfigura o lugar das mulheres na história da arte, mas também valoriza práticas cotidianas como fontes legítimas de saber, autoria e transformação social.

A avaliação das ações em ambos os projetos de extensão ocorreu de forma contínua, por meio da escuta realizada durante os círculos de conversa e da observação do envolvimento das participantes. Essa abordagem processual permitiu que, tanto no primeiro quanto no segundo projeto, as estratégias pedagógicas, os ritmos de trabalho e os dispositivos de mediação fossem ajustados conforme as necessidades que surgiam nos encontros.

Essa lógica avaliativa não se restringiu à verificação de resultados, mas funcionou como parte constitutiva da própria prática extensionista, garantindo que cada oficina se consolidasse como espaço de protagonismo e autonomia. Em ambos os contextos, bordar significou, simultaneamente, aprender uma técnica fazendo algo significativo, elaborar experiências de vida e ocupar coletivamente lugares de fala e visibilidade cultural.

### Considerações finais

As oficinas de bordado autoral realizadas com mulheres atendidas pela *Cáritas Socialis* revelaram a potência das práticas têxteis como campo de criação estética, elaboração subjetiva e produção de pertencimento comunitário. Nos dois projetos desenvolvidos, observa-se que, no âmbito acadêmico, o estudo evidencia como saberes historicamente marginalizados podem ser ressignificados

quando articulados à extensão universitária, contribuindo para ampliar debates sobre artes têxteis, patrimônio imaterial, mediação cultural e produção simbólica feminina. O bordado, nesse contexto, deixa de ser apenas técnico e se afirma como prática discursiva, política e formadora.

A experiência também permitiu analisar criticamente o papel do extensionista de Produção Cultural, sua atuação exige sensibilidade para compreender dinâmicas sociais, escutar demandas específicas do território e construir percursos de aprendizagem que respeitem ritmos, histórias e modos de existir das participantes. Mais do que executar atividades, o extensionista precisa exercer leitura de contexto, planejamento adaptativo, negociação constante com instituições parceiras e acompanhamento atento dos sentidos produzidos nas relações. É essa mediação que transforma ações pontuais em processos formativos de maior impacto.

Nesse sentido, a avaliação permanente nos projetos mostrou-se fundamental. A cada encontro, as percepções das mulheres, seus avanços, dificuldades e expectativas orientaram ajustes metodológicos e decisões sobre continuidade, aprofundamento ou reformulação das ações. Essa escuta avaliativa, individual e coletiva, é um dos pilares que evitam que projetos se tornem ações fragmentadas, permitindo que se constituam como processos vivos, em constante reelaboração. A sustentabilidade de iniciativas culturais depende justamente dessa capacidade de acompanhar o percurso, revisar estratégias, cultivar vínculos e ativar redes de apoio.

Os resultados evidenciam que o bordado fortaleceu vínculos afetivos, ampliou a autonomia criativa e possibilitou que as mulheres se reconhecessem como produtoras de cultura. As exposições realizadas no segundo projeto, assim como a seleção de obras no projeto *Sou Guarapuava*, demonstram que práticas comunitárias podem alcançar espaços de visibilidade ampliada quando mediadas por políticas culturais, equipamentos públicos e instituições de ensino superior. Isso reforça a importância de projetos de extensão como pontes entre saberes locais e circuitos culturais mais amplos. O diálogo e a articulação a universidade, Cultura, Educação, Assistência Social e Turismo, revela-se estratégica para consolidar políticas públicas que promovam autonomia econômica, formação continuada e circulação das produções femininas no município.

O estudo aponta para a possibilidade de criação de novas mostras, oficinas permanentes e programas de formação que ampliem o acesso de mulheres à cena cultural. Também emerge a necessidade de consolidar ações participativas que considerem a diversidade dos territórios, favoreçam o protagonismo das participantes e incentivem a continuidade das ações após o término dos projetos.

Assim, o bordado autoral, ao entrelaçar gesto, memória e comunidade, reafirma-se como prática contemporânea capaz de transformar percepções, ampliar horizontes de participação cultural e fortalecer narrativas femininas. Ao mesmo tempo, evidencia o papel da extensão universitária como mediadora entre universidade e sociedade, contribuindo para a construção de cidades mais plurais, sensíveis e comprometidas com a equidade cultural.

## Referências

CAMARON, Julia. **O caminho do artista**. Tradução Leila Couceiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOPES, Marina Ferreira Belo. **As tramas que sustentam os corpos: bordados, memórias e mulheres contemporâneas**. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35245>. Acesso em: 12 out.2025.

MACHADO, Ana Maria. O tao da teia – sobre textos e têxteis. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.17, n. 49, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Fhhh4R3wPhQrb5vXwbcwcPh/> Acesso em: 14 out. 2025.

MALTA, Marize. **Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento na história**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: ANPUH, 2015. Disponível em: [https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433811122\\_ARQUIVO\\_AartedebordaroesquecimentonahistoriaREVISADOMARIZEMALTA.pdf](https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433811122_ARQUIVO_AartedebordaroesquecimentonahistoriaREVISADOMARIZEMALTA.pdf). Acesso em: 13 nov. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MURDOCK, Maureen. **A Jornada da Heroína**. Tradução Sandra Tranbucco Valenzuela. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

**PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla**. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, Edla (org.). **Livro de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011. p. 15-28.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

SOUSA, Juliana Padilha de. **Recto | verso: a invisibilidade do bordado e a poética do avesso no trabalho de Cayce Zavaglia**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 27., 2018, Salvador. **Anais eletrônicos [...]** Salvador: ANPAP, 2018. Disponível em: <https://anpap.org.br/anais/2018/27encontro>. Acesso em: 12 nov. 2025.